

MULHERES AGRICULTORAS - UMA ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO E EMPODERAMENTO FEMININO NA CAFEICULTURA DE RONDÔNIA, BRASIL

Mariana Ferraz Rodrigues Schons - marianaferrazadv@gmail.com
Poliana Perrut de Lima - perrut_poliana@gmail.com
Renata Kelly da Silva - renata.silva@embrapa.br
Jerônimo Vieira Dantas Filho – jeronimovdantas@gmail.com
Sandro de Vargas Schons – sandroschons@unir.br
Rosilene Komarcheski – rosilene.k@hotmail.com
João Carlos Barrozo - cbarrozo@uol.com.br

* Submissão em: 31/10/2023 | Aceito em: 06/02/2025

RESUMO

A produção de café no Brasil é um exemplo da dedicação da mulher na atividade agrícola. Atividade econômica considerada por muitos uma prática exercida principalmente por mão de obra masculina. Na verdade, uma parcela significativa da força de trabalho do cafeeiro é feminina, contribuindo de forma significativa na capina, na adubação, no apanhar do café e durante a secagem dos grãos. Neste contexto a International Women's Coffee Alliance (IWCA) tem procurado ampliar os conhecimentos e congregar plataformas e grupos de mulheres ligados à cafeicultura, em diferentes padrões de conhecimento. Recentemente, Rondônia ingressou na Aliança Internacional das Mulheres do Café - IWCA Brasil, no entanto não há estudos sobre o perfil sociocultural e econômico da mulher do café de Rondônia, uma vez que a atividade se encontra no quarto ano de implantação. Dentro deste contexto, este estudo teve por objetivo analisar o perfil sócio-econômico-cultural das cafeicultoras da microrregião da Zona da Mata, estado de Rondônia, e de alguns outros municípios, bem como seus anseios e dificuldades no empoderamento da mulher, visando à satisfação com a atividade que exerce, a relação trabalho/família e sua autoestima. Para tal, foram realizadas visitas a 20 cafeiculturas, localizadas nos municípios de Novo Horizonte do Oeste, Alta Floresta do Oeste, Cacoal, Ministro Andreazza, Vale do Anari, Nova Brasilândia do Oeste e São Miguel do Guaporé, para aplicação de um questionário semiestruturado com questões fechadas e abertas. Para um melhor entendimento por parte das entrevistadas, os questionários foram divididos em três dimensões: o primeiro, relacionado aos dados sobre a escolaridade, idade, número de filhos e etnia; o segundo, sobre a produção de café na propriedade; e o terceiro suas percepções sobre a atividade. Neste estudo foi observado que grande parte das entrevistadas eram jovens, com idade inferior a 45 anos e desenvolviam a cafeicultura em pequenas propriedades rurais, principalmente ligadas a agricultura familiar. Dentre as tecnologias adotadas nas propriedades, o "Sprouting Process" foi o mais relatado entre as entrevistadas, e esteve ligado diretamente a satisfação com atividade cafeeira e o maior rendimento e preço das sacas de cafés comercializadas após o concurso de qualidade e sustentabilidade do café de Rondônia (CONCAFÉ). Ao mesmo tempo, observou-se a produção por micro-lotes de cafés especiais alcançou um pequeno nicho do mercado consumidor, o que dá perspectivas futuras da criação de uma associação ou cooperativa para aumentar a produção e industrialização, além de atingir um maior mercado consumidor.

Palavras Chaves: Café de Rondônia; Mulheres Cafeicultoras; Empoderamento da mulher; Produtividade e Qualidade.

WOMEN FARMERS - AN ANALYSIS OF FEMALE PARTICIPATION AND EMPOWERMENT IN COFFEE FARMING IN RONDÔNIA STATE, BRAZIL

ABSTRACT

Coffee growing in Brazil is an example of women's dedication to farming. This economic activity is considered a practice carried out mainly by male labor. In fact, a significant portion of the coffee farming workforce is female, contributing significantly to weeding, fertilizing, harvesting and drying the coffee beans. In this context, the International Women's Coffee Alliance (IWCA) seeks to expand knowledge and bring together platforms and groups of women linked to coffee growing, in different knowledge patterns. Recently, the Rondônia state joined the International Alliance of Coffee Women - IWCA Brazil, however there are no studies on the sociocultural and economic profile of coffee women in Rondônia, since the activity is in its fourth year of implementation. Within this context, this study aimed to analyze the socio-economic and cultural profile of coffee growers in the microregion of Zona da Mata, in the state of Rondônia, and in some other neighboring municipalities, as well as their concerns and difficulties in empowering women, with a view to satisfying with the activity they carry out, the work/family relationship and their self-esteem. For this, visits were made to 20 coffee plantations, located in the municipalities of Novo Horizonte do Oeste, Alta Floresta do Oeste, Cacoal, Ministro Andreazza, Vale do Anari, Nova Brasilândia do Oeste and São Miguel do Guaporé, for the application of a semi-structured questionnaire with closed and open questions. For a better understanding by the interviewees, the questionnaires were divided into three dimensions: the first, related to data on education, age, number of children and ethnicity; the second, on coffee production on the property; and the third their perceptions about the activity. In this study, it was observed that most of the interviewees were young, aged less than 45 years and developed coffee growing in small rural properties, mainly linked to family farming. Among the technologies adopted on the properties, the "Sprouting Process" was the most reported among the interviewees, and was directly linked to satisfaction with the coffee activity and the higher yield and price of the coffee bags commercialized after the quality and sustainability competition for coffee from Rondônia state (CONCAFÉ). At the same time, micro-batch production of specialty coffees reached a small niche in the consumer market, which gives future prospects for the creation of an association or cooperative to increase production and industrialization, in addition to reaching a larger consumer market.

Keywords: Coffee made in Rondônia; Productivity and Quality; Women Coffee Growers; Women's empowerment.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente no Brasil, as mulheres vêm ocupando posições transformadoras no nosso cotidiano, sobretudo mostrando o quão são fundamentais para o desenvolvimento da sociedade (BALSADI; GROSSI, 2016). As funções domésticas não são mais suas atribuições exclusivas e nem limitam o seu potencial, pelo contrário, o empoderamento da mulher trouxe perspectivas mais positivas na gestão e inovação de negócios. Contudo, a necessidade de promover a igualdade entre

Seção de Artigo

os sexos e a autonomia das mulheres ainda encontra enormes barreiras, principalmente em atividades econômicas com supremacia masculina, como na agricultura (SALES, 2017).

De acordo com a *Food and Agriculture Organization of the United Nations* (FAO), as mulheres representam 43% da força de trabalho rural em países em desenvolvimento. A organização também estima que o aumento do acesso das mulheres aos recursos financeiros, tecnologias e o aumento da produtividade nas lavouras em até 20 a 30%, que reduziria o número de pessoas subnutridas em até 17%, ou seja, 150 milhões de pessoas. As mulheres, também representam 12,7% dos proprietários de terra no Brasil, porém, tendem a receber 30% a menos do valor pelos serviços prestados em comparação aos homens. Além do que, esta diferença salarial aumenta na população menos instruída. Costumes e práticas culturais patriarcais que diminuem a importância social da mulher são os principais motivos para essa diferenciação (MARQUES et al., 2021).

Contudo, a Associação Brasileira do Agronegócio identificou 1,3 mil mulheres responsáveis pela gestão ou produção agropecuária no país, durante o ano 2019. A pesquisa identificou que elas são mais abertas à inovação e ao conhecimento, 88% destas são independentes financeiramente e 60% têm ensino superior completo, muitas vezes participando das ações de entidades de representação do setor. O levantamento também revelou que 14% das entrevistadas eram as responsáveis pelos proventos das despesas da família (GUBERT et al., 2020).

Não obstante os adjetivos dados às mulheres, estudos constataram que as divisões do trabalho por sexo colocam as mulheres, de modo geral, em posição subordinada, e seu trabalho geralmente aparece como “ajuda”, mesmo quando elas trabalham o mesmo que os homens, bem como nas mesmas atividades (RODRIGUES et al., 2021). Além de que, como o responsável pela parte produtiva geralmente é o homem, é ele que investe no aprendizado das novas tecnologias, mantém os contatos com técnicos rurais ou agrônômicos, faz a maioria das vendas e contatos com os bancos e participa de associações, tais como cooperativa e sindicato (LEMOS, 2016). Os homens também são os administradores dos recursos oriundos da atividade agropecuária, pois, mesmo que as mulheres participem juntamente com os maridos na tomada de algumas decisões, são eles que conduzem o processo decisório quando se trata de investimentos referentes à produção ou à reposição dos meios de produção necessários para a safra seguinte (RODRIGUES et al., 2021). Como regra geral, nem as mulheres nem os jovens têm uma renda própria, a não ser que os recursos sejam obtidos pela venda de seu trabalho a terceiros ou pela venda direta de produtos beneficiados por eles no estabelecimento familiar (ARCHANJO; BRIGANTE, 2022).

Com o objetivo de dar maior visibilidade ao trabalho da mulher em atividades agrícolas, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura, em parceria com governo brasileiro (MAPA), realizaram em 2019, a 4ª edição da campanha Mulheres Rurais e seus Direitos, que teve como tema o “pensar em igualdade, construir com inteligência, inovar para mudar”. Simultaneamente, em 2019, teve início a campanha Mulheres Rurais, com o objetivo de dar maior visibilidade ao trabalho da mulher rural, com o lema “sou trabalhadora rural, não sou ajudante”, estendendo a campanha nos anos seguintes para América Latina e o Caribe (MARQUES et al., 2021).

A produção de café no Brasil é um exemplo da subordinação da mulher na atividade agrícola, atividade econômica considerada por muitos como uma prática exercida principalmente por mão de obra masculina. Na verdade, uma parcela significativa da força de trabalho do cafeeiro é feminina, contribuindo de forma significativa na capina, na adubação, na apanha do café e no terreiro durante a secagem dos grãos (GARCIA; LEBRÃO, 2019). O café ocupou uma posição de destaque no Brasil e participou das transformações políticas e sociais no último século, coparticipando da história do desenvolvimento do país. Atualmente, o Brasil exporta mais de 30 milhões de sacas, o que representa uma receita superior a US\$ 2 bilhões anuais. Isso assegura ao País a posição de maior exportador mundial do produto, responsável por 30% da produção das últimas safras de café no planeta, ou seja, de aproximadamente 130 milhões de sacas (60 kg) (CONSELHO DOS EXPORTADORES DE CAFÉ DO BRASIL, 2017).

Neste contexto, a International Women’s Coffee Alliance (IWCA) tem procurado ampliar os conhecimentos e congregar plataformas e grupos de mulheres ligados à cafeicultura, em diferentes padrões de conhecimento. Segundo Nascimento (2017), a IWCA teve origem em 2003, no encontro de mulheres da indústria dos Estados Unidos com produtoras da Nicarágua, tendo por proposta fundamental o empoderamento das mulheres do setor cafeeiro internacional, estimulando e reconhecendo a participação destas em todas as etapas da cadeia produtiva do café.

Atualmente, Rondônia ingressou na aliança Internacional das Mulheres do Café - IWCA Brasil, após assinatura de entendimento com o governo do Estado, em 2017. No Estado não há estudos sobre o perfil sociocultural e econômico da mulher do café, uma vez que a atividade se encontra no quarto ano de implantação. Dentro deste contexto, este estudo tem por objetivos analisar o perfil sócio-econômico-cultural das mulheres inseridas na atividade cafeeira de Rondônia, bem como seus anseios e dificuldades no empoderamento da mulher, visando à satisfação com a atividade que exerce, a relação trabalho/família e sua autoestima.

2. ASPECTO METODOLÓGICOS

Para alcançar os objetivos propostos no projeto, durante o período de agosto de 2019 a novembro de 2021, foram realizadas 20 entrevistas com trabalhadoras rurais do sexo feminino, com idades de 20 a 80 anos, cujas propriedades rurais estão localizadas no território Rural da microrregião da Zona da Mata, estado de Rondônia, e de alguns outros municípios vizinhos, os municípios foram Novo Horizonte do Oeste, Alta Floresta do Oeste, Cacoal, Ministro Andreazza, Vale do Anari, Nova Brasilândia do Oeste e São Miguel do Guaporé. Tendo em vista a singularidade da amostra, a “mulher cafeicultora”, a seleção das propriedades amostradas não se deu por municípios, mas sim pelo perfil selecionado.

O estudo do perfil sociodemográfico das cafeicultoras da Zona da Mata foi realizado através da aplicação de um questionário semiestruturado com questões relacionadas à idade, estado civil, escolaridade, composição familiar, atividades diárias, sociais e saúde (SOUZA et al., 2019). A seleção das informantes foi realizada por meio da amostragem “Bola de Neve Virtual”, uma forma de amostra não probabilística por meio de redes sociais virtuais que utilizou cadeias de referência (COSTA et al., 2018). Apesar de suas limitações, foi o método de estudo inicial para lançar mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, através do qual foram localizadas algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral.

A identificação das variáveis ligadas às adversidades e aos anseios das mulheres cafeicultoras na implantação, gerência, produtividade e comercialização das safras foi realizada através do estudo Survey interseccional. Para tal, a coleta de dados se deu pelo método de amostragem não-probabilística, já que não era conhecido o número de mulheres cafeicultoras existentes na região de estudo, ou seja, uma amostra que represente a população.

Para a coleta dos dados foi utilizado um questionário autoadministrado com os seguintes objetivos: Descrição: identificar a distribuição de certos traços e atributos ao empoderamento frente à cafeicultura. Explicação: os motivos e as preocupações com a situação da mulher frente à economia familiar, saúde e bem-estar. Exploração: objetiva identificar o funcionamento, a área utilizada e a fase da cafeicultura, produção por hectares, valor comercializado, comercialização, custo de produção e perspectivas da criação de associação ou cooperativas. Com o objetivo de melhorar o instrumento da pesquisa, com questões claras, sem ambiguidade e de fácil acompanhamento, foi realizado um pré-teste com quatro pessoas com perfil razoavelmente adequadas para as perguntas (BABBIE, 1999).

Referente aos aspectos éticos em pesquisa, esse estudo foi conduzido mediante a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/CONEP), da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). A Plataforma Brasil atribuiu protocolo de autorização CAAE 60744322.5.0000.5300 e nº de comprovante 077412/2022.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No início da pesquisa foram coletadas informações a partir da identificação das cafeicultoras pela viveirista, que comercializa mudas de café. Após a escolha das entrevistadas, foi realizado o contato por meio de ligações e redes sociais, explicando resumidamente os motivos e objetivos do projeto e, em caso de aceite, era realizada a visita à propriedade. Foram realizadas visitas a mulheres de 20 cafeiculturas, localizadas nos municípios de Novo Horizonte do Oeste, Alta Floresta do Oeste, Cacoal, Ministro Andreazza, Vale do Anari, Nova Brasilândia do Oeste e São Miguel do Guaporé, para aplicação de um questionário semiestruturado com questões fechadas e abertas.

Antes do início da aplicação dos questionários, foi esclarecido de forma mais detalhada o objetivo do questionário, como seria realizada a pesquisa e a sua importância tanto para as entrevistadas quanto para o meio acadêmico, e assumindo o compromisso de esclarecer as dúvidas que poderiam surgir durante a entrevista, mediante a assinatura do termo de compromisso. Houve também o termo de consentimento para participação, que as entrevistadas assinaram, aceitando participar voluntariamente, livre de qualquer forma de remuneração e que os dados da pesquisa seriam utilizados somente para fins acadêmicos e científicos (Figura 1).



Figura 1 - Visita às propriedades rurais e entrevista com as cafeicultoras.

Seção de Artigo

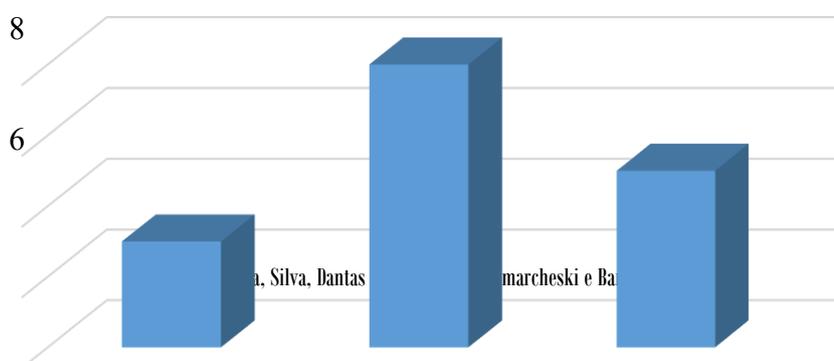
Para um melhor entendimento por parte das entrevistadas, os questionários foram divididos em três dimensões: o primeiro, relacionado aos dados sobre a escolaridade, idade, número de filhos e etnia; o segundo, sobre a produção de café na propriedade; e o terceiro suas percepções sobre atividade. Os dados sobre a faixa de idade e a escolaridade estão descritos nas Tabelas 1 e 2.

Tabela 1 - Faixa de idade das cafeicultoras entrevistadas.

Faixas de idade	Nº por faixa	Percentuais (%)
18-25	2	10
26-35	9	45
36-45	7	35
46-55	1	5
56-65	0	--
66-75	1	5
Totais	20	100

Com relação à idade das mulheres cafeicultoras, nota-se tratar de um público jovem, uma vez que 90% têm menos de 45 anos de idade, e tempo na atividade da cafeicultura de 5 a 20 anos. No entanto, cinco entrevistadas mencionaram que aprenderam a atividade com os pais trabalhando na lavoura desde criança (Figura 2). Chamou atenção que durante as entrevistas várias cafeicultoras relataram história de sua infância e a introdução da cultura do café em Rondônia trazida por seus pais, oriundos de outros Estados, como Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Com relação à idade, também se verifica que 45% das mulheres possuem entre 26 a 35 anos e que 36% estão com idade entre 36 a 45. A maior parte das entrevistadas (80%) está na faixa de idade entre 26 e 45 anos, e 10% possuem entre 18 a 25 anos e apenas 10% possuem entre 46 a 75 anos. Segundo Nascimento (2017), ao realizarem um estudo sobre a dinâmica das relações de gênero no setor produtivo da cafeicultura, estes entrevistaram 25 mulheres no município da Barra do Choça na Bahia e verificaram que a idade das mulheres variava entre 20 e 50 anos ou acima de 50 anos.



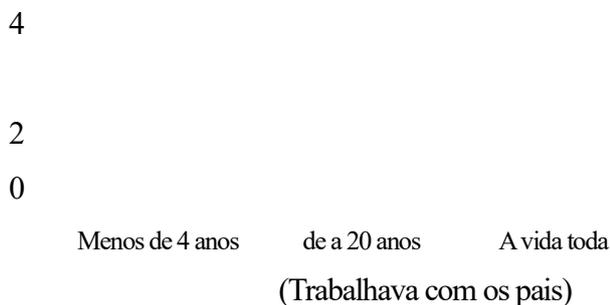


Figura 2 - Tempo na atividade de cafeicultura das entrevistadas.

Quanto à escolaridade das mulheres (Tabela 2), nota-se que a maioria das entrevistadas (55%) possui ensino médio (completo e incompleto), sendo que 5% possuem nível superior completo e 10% tem pós-graduação. Apenas 30% destas mulheres tem somente o ensino fundamental incompleto ou completo.

Tabela 2 - Escolaridade das cafeeicultoras entrevistadas.

Escolaridade	Nº	Percentuais (%)
Fundamental incompleto	5	25
Fundamental completo	1	5
Médio incompleto	3	15
Médio completo	8	40
Superior incompleto	0	0
Superior completo	1	5
Pós-Graduação	2	10
Total	20	100

Resultado semelhante foi verificado por Ferreira (2017), ao analisar o perfil de 737 mulheres que atuam no sistema agroindustrial do café no Brasil, no período entre julho de 2016 a abril de 2017, do total de 171 entrevistadas, 23% responderam ao questionário on-line e 77% ao questionário off-line. A pesquisa revelou que 58% das mulheres possuem ensino superior ou pós-graduação. Apenas 23,3% são mulheres com menos escolaridade, como ensino médio completo ou incompleto (inclusive ensino técnico) 0,60% ou ensino fundamental completo ou incompleto 25,60%.

Segundo Hirata (2007), as mulheres que buscam a escolarização assumem um papel importante na sociedade no enfrentamento das desigualdades sociais. O IBGE (2017) revela que

quanto mais escolarizada e qualificada melhor é a ocupação das mulheres no mundo do trabalho, apesar de em algumas situações ainda possuem a remuneração pelo seu trabalho abaixo da remuneração dos homens.

A atuação das entrevistadas na cadeia produtiva do café é diversificada, pois estas mulheres realizam além das atividades na cafeicultura, mais de uma atividade, tanto relacionadas com o café quanto paralela à atividade cafeeira.

As atividades associadas com a cafeicultura e os afazeres domésticos são as mais relatadas, seguidos por outros trabalhos remunerados (Figura 3). Tal realidade fica mais evidenciada quando tratamos das mulheres do meio rural, pois elas exercem todas as tarefas relacionadas à propriedade rural como as pertinentes à reprodução social e de subsistência do grupo familiar assim como as culturalmente de responsabilidade masculinas. Mesmo assim, estas mulheres são vistas como “ajudantes” de seus pais, irmãos e/ou cônjuges (OLIVEIRA, 2018).

Atualmente observa-se que a presença das mulheres no mercado de trabalho é um fato indiscutível e irreversível, pois elas vêm buscando posições antes desempenhadas somente pelos homens, além de continuar as atividades de casa. Para De Paula (2015) as mulheres empreendam e inovam seu próprio negócio, comprovando competências e habilidades na execução de suas atividades.

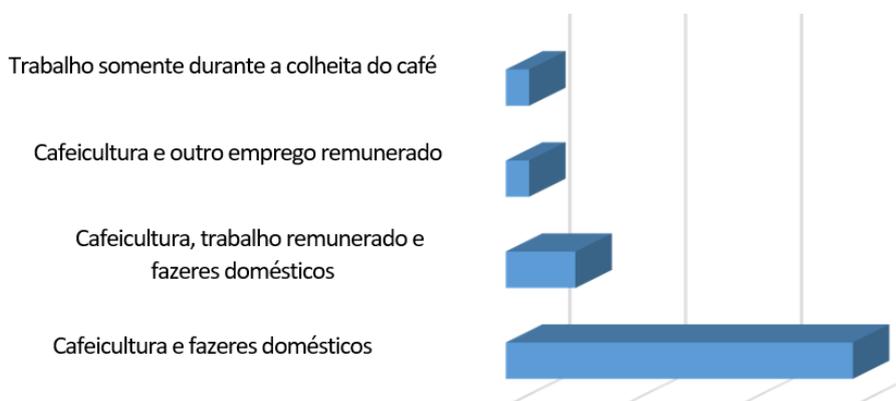


Figura 3 - Tempo laboral diário empregado na cafeicultura.

Esses resultados são semelhantes aos resultados obtidos nas entrevistas com as mulheres que participaram deste estudo, pois elas conseguiram conquistar os diversos setores da cadeia produtiva do café. No entanto, essas conquistas decorreram de muitas discussões. Os relatos das entrevistadas mostram a insistência junto à família para a implantação de novas tecnologias na propriedade, como

a construção de terreiros suspensos, a compra de equipamentos e a introdução do “*Sprouting Process*”.

Se faz necessário discutir o papel e a importância da mulher na agricultura familiar, uma vez que esta realiza múltiplas tarefas no campo, embora frequentemente o seu trabalho seja visto como menos importante, sendo considerado como uma mera ajuda (ELISA et al., 2018).

Ao mesmo tempo, as tarefas realizadas na unidade agrícola familiar são denominadas como “trabalho leve” e “trabalho pesado”, em que o “pesado” garante ao homem maior salário e status de provedor financeiro, e as mulheres considerado como “trabalho leve” independente dos afazeres que realizem. Mesmo que muitas dessas atividades sejam feitas por ambos e precisem do mesmo esforço físico como: trabalhar na colheita, cuidar dos filhos e ter o mesmo número de horas de trabalho, tal fato parece ser ignorado diante dessa categorização (Figura 4).

O envolvimento das mulheres rurais em atividades remuneradas pode aumentar a sua independência financeira. Por outro lado, o tempo de repouso para a mulher passa a ser cada vez mais exíguo, enquanto, para o homem, permanece quase o mesmo, o que leva a mulher a realizar uma dupla jornada (ELISA et al., 2018).

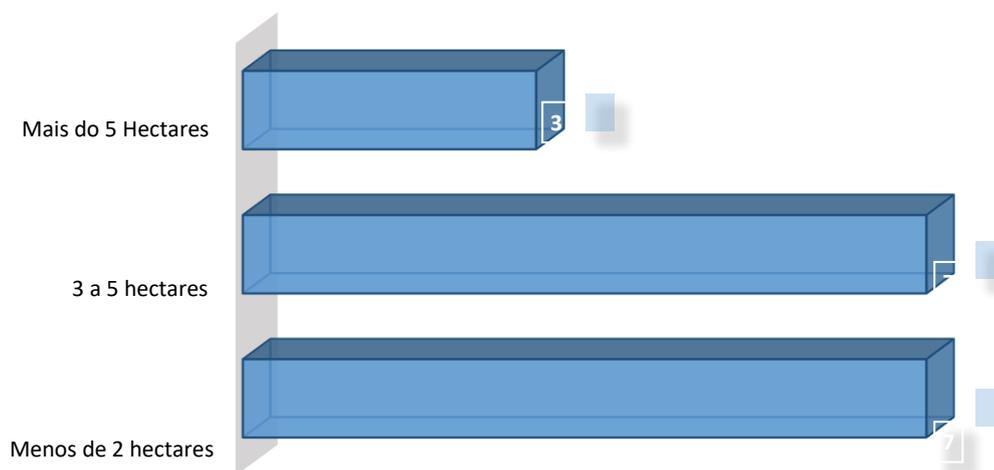


Figura 4 - Área Plantada de Café.

Nesse contexto, a cafeicultura é uma boa escolha, pois se adapta tanto a cultivos a pleno sol quanto arborizado e possui alta rentabilidade por área, resultando em menor dependência de grandes lavouras para proporcionar a viabilidade do módulo produtivo.

A cafeicultura de Rondônia tornou-se mais produtiva e sustentável em decorrência da implantação de novas tecnologias, melhoramento através de seleção genética, manejo, clima e solo favorável. Segundo estudos da EMBRAPA realizados entre os anos de 2001 e 2019, houve um decréscimo de 19% na área cultivada em Rondônia, cerca de 500 mil hectares a menos. Mas, ao contrário do se poderia imaginar, a produção do grão aumentou 58% no período. Esse maior rendimento das lavouras foi motivado, principalmente, pela incorporação de novas tecnologias no campo, que fizeram a produtividade média das áreas subir de 14 para 27 sacas por hectare, um aumento de 93% (MATOS, 2018).

De acordo com os dados obtidos nas entrevistas, 40% das entrevistadas têm mais de 10 mil pés de cafés plantados; 35% das entrevistadas tem menos de 6 mil pés de cafés plantados e 25% tem de 6 a 10 mil pés de cafés plantados.

Neste estudo observou-se que a maioria das cafeicultoras entrevistadas receberam conhecimentos técnicos através dos extensionistas rurais do SENAR e através de visitas técnicas realizadas pela EMBRAPA, que as incentivou a adotar novas práticas de pós-colheita e cursos de novas tecnologias, como no caso de fermentações controladas, ou positivas desenvolvida pelo barista Leo Moço, o “*Sprouting Process*”. Contudo, chama a atenção que 30% das cafeicultoras utilizam a internet como ferramenta de aprendizagem de novas tecnologias.

O índice de adoção da Internet no meio rural no Brasil é inferior a 4%. Porém, novos estudos com abrangência regional, ou sobre classes de produtores ou segmentos do setor agrícola, quantificando o nível de adoção da Internet e da tecnologia de informação e apresentando o perfil do usuário. Segundo o Instituto Kleffmann, 32% dos produtores nacionais de soja possuem computadores, 34% dos produtores de algodão, 28% dos produtores de milho, sendo que dentre esses 19%, utilizam a Internet, respectivamente, sem considerar ainda, a internet móvel em smartphones. Na cafeicultura mineira da região de Guaxupé, 36,0% dos produtores entrevistados utilizavam informática em suas propriedades rurais e cerca de 27,0% utilizavam Internet (SOARES, 2022).

Entre as mulheres produtoras de café que participaram desta pesquisa 30% delas utilizam a internet para se comunicar e para se qualificar. A EMATER tem 20% de participação na qualificação e orientação das agricultoras e 40% fazem ou fizeram cursos presenciais para se qualificar.

Quanto à percepção das cafeicultoras dos cursos e/ou treinamentos realizados por órgãos de extensão e sua participação, 70% das entrevistadas relataram estarem muito satisfeitas e satisfeitas. No entanto, as cafeicultoras relataram a necessidade de haver mais cursos direcionados a elas em

específico. Uma entrevistada relatou que por ter a presença majoritária de homens em dias de campo e cursos, não participava destes cursos por se sentir deslocada. Outra cafeicultora relatou que sua filha a incentivou a participar dos eventos, observando que tinha maior facilidade para implantação de novas tecnologias na lavoura quando participava dos cursos.

“o que a gente precisa é ser vista, o que acontecia só aparecia o marido, os convites para palestra, daí quando começou os cursos eu já coloquei meu nome o meu marido vai pouco ele vai mais para lavoura, mas ele apoia tudo” [...] (Entrevistada B).

Portanto se faz necessário oferecer cursos e capacitações voltadas para as cafeicultoras, sobre temas variados como participação das mulheres e filhos na gestão das propriedades, planejamento, cooperativismo, meio ambiente e sustentabilidade, e temas voltados a sua autoestima e sobre a importância do papel da mulher na família e na sociedade. Pois segundo seus relatos os cursos oferecidos são direcionados e incentivados para que haja a presença do público masculino.

Com relação à percepção das cafeicultoras relativa à introdução de novas tecnologias nas lavouras, 70% declararam que estão muito satisfeitas e satisfeitas. Durante as visitas da pesquisadora às propriedades, observou-se que, entre as tecnologias implantadas, a técnica do “*Sprouting Process*” é utilizada por 90% das cafeicultoras. O *Sprouting Process* é um método de produção pós-colheita desenvolvido pelo barista e torrefador Leo Moço, caracterizado pelo processo que acompanha a atuação na cadeia de ponta a ponta. Este método realiza-se dentro de uma bombona de plástico com uma válvula, criando-se um ambiente anaeróbico, onde a presença de CO₂, inibe o desenvolvimento de bactérias e fungos e faz com que as enzimas presentes na casca do café criem uma fermentação natural, promovendo muito mais aroma e sabor aos grãos. O processo, similar ao que desenvolve o malte da cerveja, dura entre 10 e 20 dias e pode ser implementado com grãos de café de todas as regiões do país (Figura 5).

Seção de Artigo

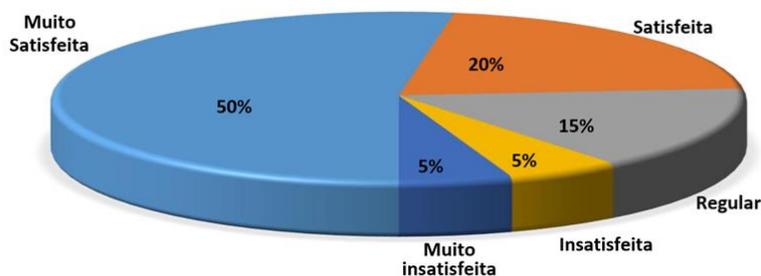


Figura 6 - Percepção das cafeeiras quanto aos cursos e treinamentos promovidos por órgãos de extensão.

Muito além da fermentação, o *Sprouting* aumenta a maturação e o poder de germinação dos grãos, conferindo consistência e riqueza de aroma e sabores ao produto. Depois de torrado, o envelhecimento e a oxidação dos grãos são extremamente lentos, proporcionando incríveis cafés torrados por mais de 6 meses. De acordo com o barista Leo Moço, esse processo surgiu depois de observar que o café nacional passa até 90 dias a menos no pé do que os plantados em outros países, como a Colômbia, impedindo o desenvolvimento completo do fruto. Pensei em maneiras de fazer com que o café brasileiro se desenvolvesse após a colheita como se estivesse ainda no pé. Durante o *Sprouting Process*, os grãos têm seu potencial de germinação prolongando, como se estivéssemos colhendo cafés prematuros e utilizando a bombona como incubadora no desenvolvimento de supergrãos (EMBRAPA, 2019).

Na Revista Cafeicultura (2019) foi relatado o uso da técnica *Sprouting Process* pelas Mulheres do Café do Norte Pioneiro do Paraná. De acordo com a coordenadora do projeto, Cíntia Mara Lopes de Souza, os cursos ministrados por Leo Moço, sobre a técnica, modificaram a forma de atuação dos agricultores familiares. Assim afirma a coordenadora do projeto: Com as dicas e informações, os produtores perceberam que a qualidade do café é definida no processo de uma colheita seletiva, com grãos na maturação correta, com os diferentes processos de secagem, o que vai agregando mais valor ao produto. Houve uma percepção de que é possível qualificar o jovem cafeeiro e fazer com que ele tenha uma boa renda, sem abandonar a sua propriedade. Principalmente os jovens e as mulheres estão se adaptando muito bem a essas mudanças de manejo e de investimento.

Neste estudo, também se observou a implementação desta tecnologia no amadurecimento do café e os estímulos das entrevistadas em participar do concurso de qualidade e sustentabilidade do café de Rondônia a partir da técnica implantada pela EMBRAPA/Rondônia e pela assistência técnica

do SEBRAE. Além disso, as mulheres cafeicultoras de Rondônia estão se destacando também em concursos nacionais. Em 2020, pela primeira vez Rondônia conquistou o primeiro lugar no *Coffee of The Year* (concurso nacional), através da cafeicultora Ediana Capich, de Novo Horizonte do Oeste, que conquistou o primeiro lugar na categoria fermentação induzida para canéfora. Nesse mesmo concurso quatro mulheres e um indígena de Rondônia foram finalistas.

E pelo segundo ano consecutivo, o primeiro lugar também foi para uma cafeicultora de Novo Horizonte do Oeste, a engenheira agrônoma Poliana Perrut, vencedora do CONCAFÉ em 2019, foi vencedora no *Coffee of the Year* 2021, durante a Semana Internacional do Café (SIC), com um café canéfora de fermentação induzida com notas sensoriais de graviola, mamão e figo, considerado com corpo e acidez equilibrada, atingiu 84.63 pontos. O segundo lugar no concurso foi para a cafeicultora de Alessandra Frez também de Novo Horizonte do Oeste.

Nota-se que as mulheres da atividade cafeeira rondoniense estão utilizando dessa nova tecnologia e produzindo cafés especiais de qualidade que resultam em um valor agregado na hora de sua comercialização. Demonstra-se neste estudo, que as mulheres entrevistadas, ao produzirem cafés especiais reconhecidos no Estado e até no país passam a ser protagonistas do seu desenvolvimento pessoal e social frente a sua família e na sociedade. Do total, 44,4% estão muito satisfeitas com a nova tecnologia e 44,4% estão satisfeitas, enquanto apenas 11,2% regular (Figura 6).

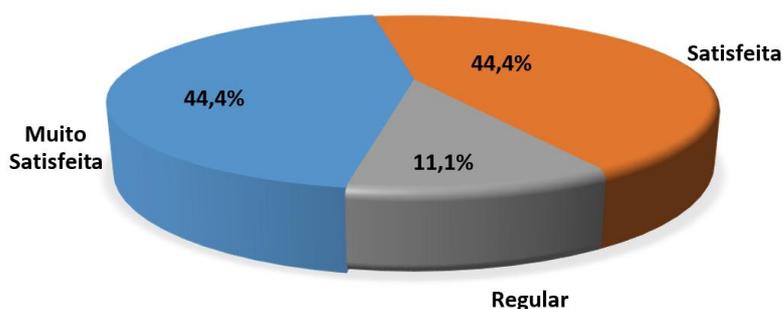


Figura 6 - Percepção das cafeicultoras sobre as novas tecnologias na lavoura de café.

De acordo com informações coletadas na pesquisa, a maior parte das cafeicultoras receberam conhecimentos técnicos através dos extensionistas rurais do Sebrae, e através de visitas técnicas realizadas pelos técnicos da EMBRAPA, que as incentivaram a adotar novas práticas de pós-colheita

Seção de Artigo

e cursos de novas tecnologias, como no caso de fermentações controladas, ou positivas desenvolvidas pelo barista Leo Moço, através da técnica de “*Sprouting Process*” (Figura 7).

Segundo explicação do pesquisador Enrique Alves (2021), “[...] o efeito da ação dos microrganismos nos frutos e grãos evidenciam e tornam mais intensas as características de acidez e doçura, deixando a bebida bastante equilibrada e interessante aos mais exigentes paladares”.



Figura 7 - Técnica “*Sprouting Process*” realizada pelas cafeicultoras.

A pesquisa revela que 83% das mulheres cafeicultoras entrevistadas declararam que estão muito satisfeitas com o seu trabalho e outras 5% estão satisfeitas. Elas se sentem valorizadas pela família. Algumas disseram que depois que começaram a produzir cafés especiais outros familiares foram incentivados e passaram a produzir também (Figura 8).

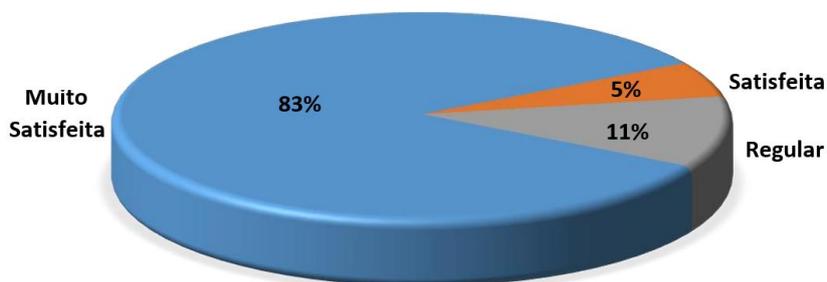


Figura 8 - Satisfação na cafeicultura.

O cruzamento das informações sobre a área cultivada com café, a formação escolar e o grau de satisfação com a cultura do café, revela que as cafeicultoras mais satisfeitas são aquelas que tem

as menores áreas cultivadas, com o menor número de pés de café e têm menor escolaridade. Foi observado resultado semelhante em um estudo realizado no município da Barra do Choça – Bahia, onde os autores entrevistaram 25 mulheres ligadas ao setor cafeeiro e constataram a satisfação das mulheres que trabalham com a cafeicultura (Figura 9).

Após analisar as falas das entrevistadas, pode-se afirmar que, apesar de citarem muitas dificuldades para trabalhar na cafeicultura, e ser uma atividade exercida predominantemente por homens, a maioria das cafeeiras entrevistadas relataram estarem realizadas e extremamente satisfeitas por trabalhar na cafeicultura. A maioria das cafeeiras pretende trabalhar na cafeicultura aposentar-se e demonstram interesse em estudarem e se aperfeiçoarem em busca de uma melhor qualidade dos cafés que produzem (NASCIMENTO, 2017; SBRISSA, 2019)

Quando questionadas quanto à diferença na remuneração entre homens e mulheres, podemos identificar que a percepção das cafeeiras quanto a equidade entre homens e mulheres na remuneração na atividade cafeeira, 38,8% afirmaram não existir diferenças 33,3% considera regular e 22,2% disseram que existe diferença na remuneração (Figura 9). A diferença de salários entre homens e mulheres ainda é marcante, mesmo desempenhando as mesmas funções as mulheres brasileiras recebem cerca de $\frac{3}{4}$ do que os homens ganham (IBGE, 2018).

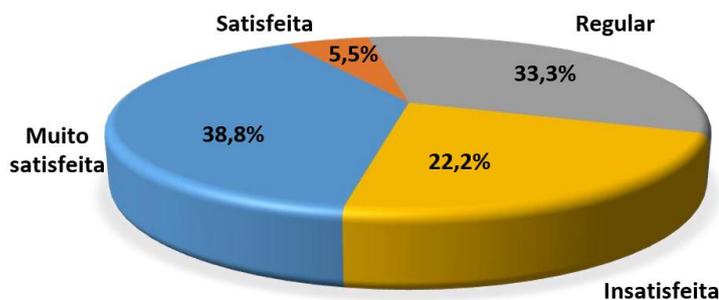


Figura 9 - Percepção da igualdade entre Homem e Mulher na remuneração da cafeicultura.

No ambiente rural, Arruda et al. (2020) demonstraram que ainda prevalecem as características baseadas em relações tradicionais de gênero, isto é, quando as decisões são tomadas pelo homem que detém mais poder, são aceitas mais facilmente pela sociedade. No caso de questões relacionadas ao preconceito contra a mulher no âmbito rural, foi perceptível que ocorre preconceito principalmente ao entrarem em ambientes preponderantemente masculinos. Conforme os relatos, as mulheres encontram dificuldade quando vão comprar produtos para a lavoura nas lojas de produtos agropecuários, na cidade.

Seção de Artigo

Sobre a percepção da igualdade e desigualdade na área rural, especificamente entre as mulheres cafeicultoras, a entrevistada A fez o seguinte relato:

[...] “A gente sofre, a mulher na agricultura sofre todos os preconceitos que as outras mulheres sofrem mas inseridas no ambiente da agricultora que é preponderantemente masculino eu sentia por exemplo diferença em chegar numa casa agropecuária e comprar um adubo, veneno e dizer que eu que iria aplicar, do que um homem chegasse no balcão e dissesse olha eu quero tal produto o vendedor dizia beleza se eu chego e entro e quero comprar tal produto ele vai querer me convencer de outros produtos ele acha que eu não tenho condição de entender sobre aquele produto. Ai hoje em dia nesse mercado aqui eu já debati tanto que hoje eu faço questão na verdade de quando eu chego num vendedor novo em que ele quer e tenta me convencer eu preciso mostrar para ele que eu sei sobre o produto que estou pedindo. Tanto que as minhas produtoras quando chegam com uma recomendação no balcão da loja os balconistas já não discutem mais porque elas já sabem que foi eu quem pedi então eles não discutem mais esse assunto. Mas eu sentia muito isso, o diferencial de um homem e uma mulher, até no pedir um produto, eu vou comprar eu vou pagar, mas no pedir o produto eu precisava demonstrar que eu entendia dele [...]” (Cafeicultora A).

A partir do que as entrevistadas falaram, conclui-se que o preconceito de gênero ainda existe na cadeia produtiva do café, com maior ênfase na parte comercial e na gestão e principalmente na hora da comercialização do café (Figura 10 e 11). As falas a seguir, são recortes das entrevistas com as mulheres produtoras de café que fizeram parte dessa pesquisa.

[...] no Agro acontece o seguinte se for mulher e pobre, geralmente está com as mãos encardidas por causa da lavoura aí pronto acabou o comércio para ela acabou [...]” (Cafeicultora C).

Outra entrevistada afirma:

“Preconceito a gente sofre como todas as outras mulheres isto já é o natural nosso. Mas nesse meio do Agro na cafeicultura em si então muito complicado mesmo lidar com isso e a gente vai ganhando força cada vez que a gente vai falando dando visibilidade”.

Uma outra cafeicultora, vencedora do concurso CONCAFÉ, declara:

Seção de Artigo

“E sobre o preconceito em relação à questão dos prêmios que vocês receberam e o preconceito você passou? Com certeza alguns perguntam como eu ganhei porque eles acham que eu não tenho capacidade para isso por ser mulher” (Cafeicultora D).

O relato da cafeicultora B aponta alguma mudança na percepção do seu marido a respeito da capacidade da mulher na cultura do café:

[...] “hoje até meu marido mudou a forma de pensar: Antes quando produzíamos café de qualquer jeito ocupávamos até 24 latas para fazer uma saca, os meus cafês de concurso deram 13,40 latas para dar uma saca...é um processo lento, um passo a cada dia - o café tem um diferencial os homens querem quantidade e as mulheres estão atrás da qualidade” [...]
 (Cafeicultora B)



Figura 10 - Implementação de tecnologias terreiros suspensos.

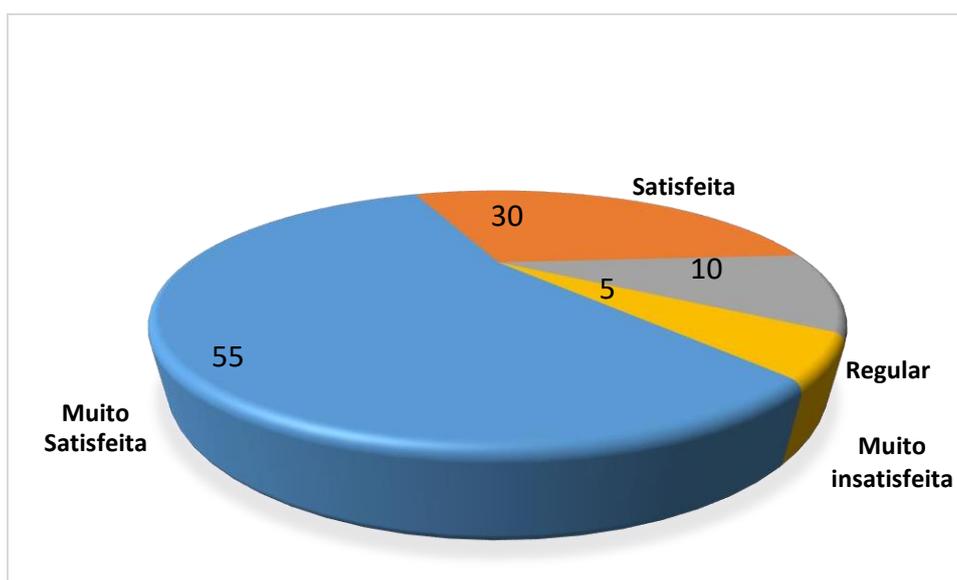


Figura 11 - Percepção das Cafeicultoras quanto ao Poder de Gestão da Atividade.

Segundo as entrevistadas elas enfrentam maior dificuldade na hora de negociar o café. Na sua opinião, pelo fato de serem mulheres, os compradores oferecem um valor bem abaixo do mercado pelo seu café. Segundo opinião da cafeicultora A, para uma mulher “[...] a comercialização ela é complicada e muito difícil ir comercializar, negociar com homem [...]”

[...] “existe, existe de uma melhorada, mas ainda existe ainda porque se um homem chega numa instituição financeira para fazer um financiamento ele tem um pouco mais de credibilidade do que se chega uma mulher sozinha. Então e tem outros fatores também que influência muito, mas geralmente é mais na hora de você vender o café também as vezes acontece de alguém querer se aproveitar um pouco porque é mulher, mas as coisas estão dando uma melhorada como que a gente fez o grupo das mulheres do café deu uma melhorada até boa” [...] (Entrevistada C).

A cafeicultora B, em sua fala, demonstra firmeza e determinação:

[...] “eu quem administro o lucro da atividade e uso nas despesas da lavoura e da família, quem negocia o café sou eu, nós compramos tudo à vista para não ter financiamento, eu que faço essa parte. A parte burocrática eu que vou” [...]

O reconhecimento das mulheres através da cafeicultura se torna uma oportunidade para que elas passem a enxergar de forma empresarial o negócio da família. Com isso, tornam-se mais seguras ao tomarem suas decisões o que resulta em melhorias na sua propriedade e lavoura. Assim demonstra-se o empoderamento e a importância do trabalho da mulher na propriedade rural e na família. Os relatos demonstram que o papel da mulher rural ligada à atividade do café se configura tanto ao realizarem as funções domésticas (do lar), como fazer o almoço, café, cuidar da roupa, lavar a louça e cuidar dos filhos, quanto no cuidado com a lavoura, nas quais atuam em diversas etapas, como plantar, adubar, capinar, colher e secar o café.

Os relatos mostram que no início, quando elas começaram a cultivar café, elas encontraram resistência e críticas da própria família e de outras pessoas. Segundo relato da filha de uma vencedora do CONCAFÉ 2020, sua mãe “[...] recebeu muitas críticas. Diziam que não foi ela quem fez o café e sim meu pai quem fez”.

Outra entrevistada, fez o seguinte comentário a respeito desta questão:

Seção de Artigo

[...] “mas tem gente até da própria família que fala ela está doida não está normal, porque tem gente a minha linha que já colheu o café e eu estou esperando final de maio, junho para ter o ponto certo maduro cereja” [...].

Ao analisar as entrevistas, a pesquisadora observou que todas as mulheres da cadeia produtiva do café, se enquadram nas dimensões do que consiste no empoderamento conforme Arruda et al. (2020), uma vez que sentem-se reconhecidas por seus familiares, técnicos e pela sociedade ao produzirem cafés de qualidade. Isto resulta na elevação de sua autoestima (fator psicológico). Além disso quando seu café ganha premiações e tem um valor agregado gera um rendimento bem maior, isto é, através da cafeicultura elas tem a capacidade de gerar renda de forma independente.

Assim como, durante as entrevistas foi relatado por elas a vontade de fundarem uma associação somente de mulheres cafeicultoras para que juntas pudessem industrializar e ter uma maior quantidade de café e ter mais poder de barganha na hora de comercializar o café. Corrobora para isso o depoimento entusiasmado da cafeicultora B em fazer parte de uma Associação:

“É um processo, um passo a cada dia, a visibilidade agrega valor. Meu sonho é fazer uma Associação, uma cafeteria. Uma Associação seria ótimo, aqui na minha região não tem quase mulheres à frente e as outras não tomam a frente, depois que participei do concurso meu esposo viu que dava certo e me incentivou”.

A cafeicultora A relata a dificuldade e receio de conversar com as mulheres sobre a criação de uma Associação:

“Existe interesse de fazer uma Associação/Cooperativa das mulheres cafeicultoras? – Sim existe mas há muitas mulheres que resistem não querem aparecer muito é um trabalho muito minucioso eu sinto que as minhas do meu grupo elas já estão pensando e algumas outras coisas em comercializar o próprio café que era uma questão que elas não tinham muito antes então é um trabalho minucioso você não pode ir direto por que parece que ofende a família, o homem assim, que vai excluí-los, tem mulheres que eu já fiz oito visitas e só agora eu consigo tocar no assunto que eu consigo falar ali sabe ai a gente vai se aproximando da época da colheita agora daí começo e ai fulana vamos fazer uma associação e agora eu consigo falar no assunto abertamente mas eu sinto que se você fala nisso nesse assunto da mulher em si, empoderamento eles já acham que nós vamos virar tudo feminista então não faço essa introdução a esse assunto nas primeiras visitas de jeito nenhum”.

Assim menciona Freire (2009), que, dentro do ambiente familiar, as mulheres, ao buscarem sua autonomia econômica, poderão ser vistas e julgadas como infratoras de normas pré-estabelecidas, e isso representa uma ameaça para a relação de poder, culturalmente desigual, cujo controle cabe aos homens.

Ressalta-se que as cafeicultoras ora pesquisadas participam de um grupo de Whats App denominado “Mulheres do café de Rondônia” ao qual a pesquisadora faz parte desde 2019. Neste grupo participam as cafeicultoras, técnicas, e a jornalista Renata Silva e o pesquisador da EMBRAPA, Enrique Alves. Neste grupo há uma troca de informações técnicas, comerciais, informativos de eventos e o que mais chama atenção é o incentivo e estímulo que elas têm umas com as outras e por meio dessa ferramenta elas tem voz são visibilizadas sentem-se importantes pela atividade que realizam om tanto afinco.

A cafeicultora B fez o seguinte relato à pesquisadora:

[...] “eu comecei sozinha e fui e incentivei minha filha, já acho muito difícil, é um processo muito lento, demorado e não da rentabilidade ainda mais nos primeiros anos que a gente participou. Quando eu participei das primeiras vezes vendi o café especial junto com o café commodity” [...] (Cafeicultora B).

Todas as entrevistadas mencionaram que gostariam muito de conseguir boas pontuações no CONCAFÉ que pelo fato de terem vizinhas e conhecidas com ótimas pontuações, e vencendo o concurso sentem-se estimuladas a dar o seu melhor para obterem bons resultados no concurso. O diferencial das mulheres é a dedicação elas têm mais força de vontade. Em 2019 quando eu falei na minha comunidade que estava entre os 30 melhores cafés do Brasil eu ganhei passagem aérea fiquei uma semana em Minas Gerais. Então eu acho assim mulher é dedicada no que faz e quando elas fazem, elas fazem com vontade de chegar lá, e quando a gente tem família e técnicos que motivam a gente e tudo mais eu acho que a gente faz eu tenho certeza que a gente faz, o que a gente precisa é ser vista (Cafeicultora B).

A pesquisa revela que as mulheres rurais do interior de Rondônia vêm demonstrado com sua dedicação, ao colher os melhores frutos de café, o quanto elas são importantes para a cafeicultura do estado e país. Para comprovar isso temos a cafeicultora Ediana Capich, que no concurso nacional organizado pela ABIC, conquistou terceiro lugar na categoria canéfora de preparo natural, café robusta amazônico especial, origem Matas de Rondônia, safra 2021 foi arrematada no leilão por R\$2.300 a saca de 60 Kg. (ABIC, 2021).

A Grande maioria das cafeicultoras relatou que tem renda própria, utilizando os rendimentos nas despesas diárias da família. Uma cafeicultora divorciada, cuja renda provém da cultura do café, utiliza o dinheiro com os gastos da casa, com seus dois filhos e investe uma parte na lavoura. Contudo, ao analisar o trabalho exercido pelas mulheres na cadeia produtiva do café observou-se que elas têm maior participação ao determinar onde serão investidos os ganhos com a lavoura, o que possibilita suas realizações pessoais com efeitos positivos em sua autoestima.

Segundo Barros (2014) a renda conquistada pela cafeicultora denota um símbolo de segurança e ganho, proporcionando autonomia e poder de decisão individual. Assim, as mulheres podem, com o dinheiro da colheita, comprar roupas para a família, investir na educação dos filhos, adquirir móveis e eletrodomésticos ou reformar a casa, entre outros.

As entrevistas com as mulheres produtoras de café da Zona da Mata e Rondônia e municípios no entorno, mostraram que a maioria delas utiliza agrotóxicos, mas consideram que seja em pouca quantidade. Mas pela percepção delas não gostariam de utilizar. Elas têm a consciência de que faz mal e também pelo fato de que o café que elas produzem é utilizado por sua família. Uma delas relatou que quando aplica o Glifosato sente a boca amarga e o estômago inchado, que fez uma casinha só para guardar os recipientes vazios e os entrega depois para descarte.

A análise da entrevista aponta para algumas questões. Em primeiro lugar, por que as mulheres cafeicultoras usam agrotóxicos? Segundo os órgãos de assistência técnica dificilmente orientam os agricultores para a adoção de uma agricultura mais sustentável, quando não agem como divulgadores e incentivadores do uso de produtos agrotóxicos.

Porém, embora muitas ou grande parte das produtoras usem agrotóxicos, contudo elas sabem que o uso de agrotóxicos produz impactos à saúde humana e animal e ao meio ambiente. Mesmo sabendo dos impactos negativos causados pelo uso de agrotóxicos, a transição para uma agricultura mais sustentável, sem agrotóxicos, depende de orientação técnica e de uma educação ambiental.

A entrevistada C fez o seguinte relato a respeito dos agrotóxicos:

[...] “considero que minha lavoura é sustentável e está melhorando. No ano de 2020, fiz 29 pontos na classificação da sustentabilidade pelo pouco uso de agrotóxico e por ter uma sustentabilidade a mais, pois não desperdiço nada, uso adubo orgânico esse ano consegui fazer, fiz também a casinha só para guardar os agrotóxicos, as águas que lavo as embalagens reutilizo na propriedade mesmo” [...] (Entrevistada C).

Algumas cafeicultoras entrevistadas têm informações e alguma orientação relativa ao uso de agrotóxicos, à lavagem de embalagens dos produtores químicos para o descarte. Segundo relato da entrevistada B, ela recebe alguma orientação da ARPA e da EMATER.

[...] “eu sou assistida também pelo pessoal da sustentabilidade- eles vêm fazer levantamento e tenho casinha para descarte e guardar os agrotóxicos – temos treinamento de como lavar para poder devolver. Quem passa o agrotóxico é meu esposo eu estou mais na adubação. A ARPA que pega os recipientes, a respeito da sustentabilidade – para poder aplicar duas pessoas não conseguimos. Fiz um curso de agroecologia na EMATER – usamos adubo Fértil Peixe, procuramos usar produtos naturais para combater as pragas” (Entrevistada B).

A entrevistada A considera que as cafeicultoras são “mais sustentáveis”, e se preocupam com os impactos que o uso de agrotóxicos provocam nas nascentes de água, sobre as abelhas, que são importantes como polinizadoras, e com a saúde das suas famílias. A seguir o seu relato:

“Eu noto que nas propriedades que são cafeicultoras, são propriedades mais sustentáveis elas se preocupam muito mais, quando você pega uma propriedade que a mulher ela é protagonista da propriedade. Elas se preocupam muito mais até com a questão da abelha, da conservação do tipo de produto, as vezes eu vou recomendar um tipo de produto e elas falam - você lembra né que nós temos abelhas tem as nascentes. Elas têm um olhar mais integrado, mais cuidadoso, mais minucioso eu noto muito isso, tem um cuidado com a família também com o que produz você vai beber, vai alimentar sua família seus filhos com isso, então o que elas produzem elas usam, bebem do café tem coragem de beber porque eu tenho muitas não só no café mas muitas propriedades que as vezes produzem algo que eles não têm coragem de consumir. Tem produtores de leite que ele não consome o leite que ele está colocando lá no tanque. Porque o produtor de café ele tem que ter coragem de colocar aquele produto na mesa dele” (Entrevistada A).

4. CONCLUSÃO

A interação com as “mulheres do café” de municípios da Zona da Mata do Estado de Rondônia, possibilitou conhecer algumas particularidades dessas mulheres produtoras de café, que são pouco conhecidas ou desconhecidas fora de Rondônia e, talvez até no próprio estado. A visão do senso comum de que as mulheres apenas “ajudam” os maridos na agricultura foi se revelando falsa durante a pesquisa, e se confirmou depois de concluída a pesquisa.

Em primeiro lugar as mulheres cafeicultoras em Rondônia são mais numerosas do que previa a pesquisa. A maior parte das cafeicultoras (95%) são jovens, com menos de 45 anos, e instruídas, sendo que 55% delas possui o ensino médio. Além disso, quase todas têm mais de 20 anos de experiência no cultivo do café. Em segundo lugar, estas mulheres assumem o protagonismo na cultura do café e, surpreendentemente, produzem café de qualidade superior a quase todos os cafés produzidos por cafeicultores homens com experiência nessa cultura.

Chama a atenção na pesquisa o tamanho das áreas cultivadas com café. Essas mulheres priorizaram a qualidade em detrimento da quantidade. As áreas cultivadas pelas cafeicultoras variam entre de 5 e 11 hectares, onde o número de pés de café cultivados por 40% das entrevistadas é superior a 10 mil pés. Como as cafeicultoras de Rondônia investem em qualidade, elas produzem cafés especiais em pequenos lotes, alcançando com isso um pequeno nicho de mercado consumidor e, em consequência, conseguem vender o café por um preço maior. Elas têm a perspectiva de criar uma associação ou cooperativa para aumentar a produção e industrialização para atingir um maior mercado consumidor.

A produção de cafés especiais exige mais técnica e cuidados no cultivo, colheita e processamento do café. Visando esta qualidade, algumas dessas produtoras adotaram a técnica dos terreiros suspensos, que possibilita um café mais limpo, e a técnica do “Sprouting Process” que possibilita a produção de um café especial, de qualidade superior. Os relatos demonstraram que o destaque adquirido nas premiações do concurso de qualidade e sustentabilidade do Café de Rondônia (CONCAFÉ) deu visibilidade e valorizou as mulheres no âmbito familiar e na sociedade em que vivem, as quais admitem ter grande satisfação com os resultados da cafeicultura.

REFERÊNCIAS

- ABIC. Associação Brasileira da Indústria do Café. **A história do café**. Disponível em: <<http://www.abic.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=38>>
- ARCHANJO, L. E.; BRIGANTE, G. P. Desafios da mulher na cafeicultura: Grupo Cafeína Cocatrel, Três Pontas – MG. **Revista Agroveterinária do Sul de Minas**, v.4, n.1, p.46 -72, 2022.

ARRUDA, T. J. M.; SOUZA, S. B. de; BARBOSA, R. A. P.; SÃO PEDRO FILHO, F. de. Elementos de inovação para o desenvolvimento sustentável da cafeicultura indígena na Amazônia. **Gestão & Regionalidade**, v.36, n.108, p.223-243, 2020. <https://doi.org/10.13037/gr.vol36n108.5732>

BABBIE, E. **Métodos de pesquisa Survey**. Trad. Guilherme Cezarino. Belo Horizonte. Ed.UFMG, 1999.

BALSADI, O. V.; GROSSI, M. E. D. Trabalho e emprego na agricultura brasileira um olhar para o período 2004-2014. **Revista de Política Agrícola**, v.15, n.4, p.82-96, 2016.

BARROS, V. A. M.; FIÚZA, A. L. C.; SILVEIRA, L. N. DA; PEREIRA, G. A. Os efeitos do trabalho sazonal das mulheres na colheita do café em um campo em transformação. **Campo Território: Revista de Geografia Agrária**, v.9, n.17, p. 715-734, 2014. <https://doi.org/10.14393/RCT91723082>

CONSELHO DOS EXPORTADORES DE CAFÉ DO BRASIL. **Relatório anual de exportação 2017**. Disponível: <https://www.cecafe.com.br/publicacoes/relatorio-de-exportacoes>

COSTA, B. R. Bola de neve virtual: o uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v.7, n.1, p.15-37, 2018. <http://dx.doi.org/10.9771/23172428rigs.v7i1.24649>

DE PAULA, E. V.; PENHA, E. D. dos S.; SILVA FILHO, J. C. L. da; SOUZA, L. C. de L. A Inovação Social e o Desenvolvimento Sustentável na Alicultura: O Caso do Projeto Mulheres de Corpo e Alga. **Revista em Agronegócio e Meio Ambiente**, v.8, n.2, p.379-400, 2015. <https://doi.org/10.17765/2176-9168.2015v8n2p379-400>

ELISA, W.; ARAUJO, F.; GÓES, F.; SEMEGHIMI, J.; NEVES, A.; REIA, M. Mulheres promotoras de agricultura geradora de vida. **Cadernos de Agroecologia**, v.13, n.1, 2018.

FAO. Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura. **Dia das Mulheres Rurais - agentes essenciais no desenvolvimento da sociedade**. Roma: 2018. <http://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/en/c/1157560/>.

GARCÍA, M. F.; LEBRÃO, J. S. Gênero e trabalho na produção do espaço: as mulheres do café na periferia urbana de Vitória da Conquista (BA). **Caderno Prudentino de Geografia**, v.41, n.3, p.122-151, 2019.

GUBERT, F. P. P.; HANZEN, M.; RECALCATTI, J. F.; COLTRE, S. M. Empoderamento feminino na agricultura familiar. **Revista Fitos**, v.14, Supl., p.23-30, 2020. <https://doi.org/10.17648/2446-4775.2020.888>

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v.37, n.132, p. 595-609, 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 2017**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>.

LEMOS, I. T. de F. O trabalho das mulheres da agricultura familiar à indústria capitalista contemporânea e a incidência dos mitos nas relações de gênero na sociedade patriarcal. **Revista de Políticas Públicas**, v.20, p. 347-354, 2016. <https://doi.org/10.18764/2178-2865.v20nEp347-354>

MARQUES, L. de S.; NASCIMENTO, B. C. do N.; LOBATO, T. da C. **Revista de Administração e Negócios da Amazônia**, v.13, n.4, 2021. <https://doi.org/10.18361/2176-8366/rara.v13n4p141-160>

MATOS, W. da S. **Desenvolvimento e produtividade de milho híbrido em diferentes densidades de plantas e épocas de cultivo**. 2018. 55 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Agronomia, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2018.

NASCIMENTO, A. P. **Mulheres do café: As pesquisadoras do Sul de Minas Gerais**. 2017. 104 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Lavras, Lavras – MG, 2017.

OLIVEIRA, I. T. S. **A participação das mulheres rurais em organizações coletivas e as influências para suas identidades de gênero**. 2018. 88 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Lavras, Lavras – MG, 2018.

RODRIGUES, H. E.; COUTO, M. H. S. H. F. do; SILVA, R. de N. P. da; SANTOS, M. A. S. do. Mulheres na agricultura familiar: uma análise no estado do Pará. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Territorial Sustentável**, v.7, n.2, p.237-263, 2021.

SALES, C. V. Mulheres Rurais: Tecendo Novas Relações e Reconhecendo Direitos. **Revista Estudos Feministas**, v.15, n.2, p.437-443, 2017.

SBRISSA, F. C. **Perfil da atividade agropecuária familiar como subsídio para elaboração de projetos socioeconômicos em um município do estado de Rondônia**. 2019. 63 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado Profissional em Economia e Gestão do Agronegócio da Escola de Economia de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2019.

SOARES, G. F. **Custos de transporte e armazenagem em cafés commodities e especiais**. 2022. 119 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG, 2022.

SOUZA, B. C. da.; SILVA, N. P.; LUZ, V. G.; ALBUQUERQUE, J. P. de; OLIVEIRA, J. M. (In)Segurança Alimentar e Nutricional em domicílios de cafeicultores de Ouro Fino, Sul de Minas Gerais, Brasil. **Segurança Alimentar e Nutricional**, v.26, p.1-8, e019025, 2019. <http://dx.doi.org/10.20396/san.v26i0.8653364>